



A VISIBILIDADE DE CAROLINA MARIA DE JESUS NO DISCURSO MIDIÁTICO

Camilla Machado Cruz

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

Resumo: Neste artigo, busco refletir sobre o discurso das mídias acerca das posições-sujeito da escritora brasileira Carolina Maria de Jesus (1914-1977). Considero que o sujeito integra uma posição no espaço social e produz um discurso definido por um lugar social e por um tempo histórico, que se situará em relação aos discursos do outro. Proponho uma reflexão sobre os desdobramentos do discurso midiático impresso com o objetivo de observar e analisar como o sujeito Carolina Maria de Jesus assume diversas posições na mídia impressa em dois momentos históricos e sociais anteriores e posteriores à sua morte, de acordo com as condições de produção de tais épocas e com as diferentes posições-sujeito referidas à escritora. A abordagem teórica deste estudo está vinculada à Análise de Discurso de linha francesa, com base nos estudos dos seguintes analistas do discurso: Pêcheux (1988, 1990, 1997, 1999), Orlandi (2005, 2009), Charaudeau (2006) e Medeiros (2013). O *corpus* destas análises se compõe de recortes dos arquivos do jornal O Globo sobre esta autora brasileira dos anos sessenta, setenta e noventa. Portanto, mobilizo as possíveis posições-sujeito assumidas pela escritora Carolina Maria de Jesus, conforme as condições de produção daquele período, ao observar a alternância do olhar da mídia impressa, atualmente disponível em formato digital, sobre este sujeito a partir da formação ideológica do jornal O Globo. Entendo que estas posições-sujeito, com o tempo, circularam e construíram uma memória coletiva por meio dos discursos midiáticos que as veicularam na sociedade brasileira durante as últimas décadas.

Palavras-chave: Análise do Discurso (AD). Posição-sujeito. Discurso midiático.

LA VISIBILIDAD DE CAROLINA MARIA DE JESUS EN EL DISCURSO MEDIÁTICO

Resumen: En este artículo, busco reflexionar sobre los discursos de la media acerca de las posiciones del sujeto de la escritora brasileña Carolina Maria de Jesus (1914-1977).

Considero que el sujeto integra una posición en el espacio social y produce un discurso definido por un lugar y por un tiempo histórico, que se situará en relación con los discursos del otro. Así que propongo una reflexión acerca de los desdoblamientos del discurso mediático impreso con el objetivo de observar y analizar cómo el sujeto Carolina Maria de Jesus asume diversas posiciones en la media impresa en dos momentos históricos e sociais anteriores y posteriores a su muerte, de acuerdo con las condiciones de producción de tales épocas y con las diferentes posiciones del sujeto referidas a la escritora. El abordaje teórico de este estudio se vincula al Análisis del Discurso de línea francesa, con base en los estudios de los siguientes analistas del discurso: Pêcheux (1988, 1990, 1997, 1999), Orlandi (2005, 2009), Charaudeau (2006) y Medeiros (2013). El *corpus* de estos análisis se compone de recortes de los archivos del diario O Globo acerca de la escritora de los años sesenta, setenta y noventa. Por lo tanto, movilizo las posibles posiciones del sujeto asumidas por la escritora Carolina Maria de Jesus, conforme las condiciones de producción de aquel momento, al observar la alternancia de la mirada de la media impresa, actualmente disponible en formato digital, sobre este sujeto a partir de la formación ideológica del diario O Globo. Entiendo que estas posiciones del sujeto, con el tiempo, circularon y construyeron una memoria colectiva por medio de los discursos mediáticos que las vehicularon en la sociedad brasileña durante las últimas décadas.

Palabras clave: Análisis del Discurso (AD). Posición del sujeto. Discurso mediático.

Considerações Iniciais

Esta pesquisa está vinculada ao Projeto de Pesquisa Língua, Política e História, desenvolvido no Laboratório Corpus – Laboratório de Fontes de Estudos da Linguagem –, da Universidade Federal de Santa Maria. Neste artigo, viso refletir sobre os discursos midiáticos acerca das posições-sujeito assumidas pela escritora brasileira Carolina Maria de Jesus (1914-1977), autora do livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960).

Conforme Pêcheux (1999, p. 50), a memória não se constitui individualmente “[...] mas nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída do historiador”. Por isso, a obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960) constitui uma memória social sobre a favela, considerando que o sujeito discursivo ocupa determinado lugar na sociedade.

Os sujeitos ocupam uma posição no espaço social e, como tal, produzem um discurso determinado por sua ideologia, a qual é constitutiva do sujeito e dos sentidos, e por um lugar e tempo histórico (ORLANDI, 2009). Sendo assim, os sujeitos são compreendidos como seres sociais construídos por uma identificação que se dá ideologicamente pela sua inscrição em determinada formação discursiva e o inscreve em diferentes posições sujeito.

É importante explicar que esta reflexão sobre o discurso se insere na área Linguística, especificamente, na área da Análise do Discurso de linha francesa, com base

nos estudos de Michel Pêcheux (1988, 1990, 1997, 1999) e Eni Orlandi (2005, 2009). Igualmente, a fim de compreender o funcionamento do discurso das mídias, é essencial considerar os estudos de Patrick Charaudeau (2006) e Caciane Medeiros (2013), também analistas do discurso.

Além disso, ressaltamos que, os estudos das sociólogas Rosane Borges (2012) e Sueli Carneiro (2003), contribuem com este trabalho na medida em que possibilitam o entendimento acerca da visibilidade de pessoas negras na mídia brasileira e, sobre a situação da mulher negra na sociedade do Brasil. De igual maneira, para conhecer a biografia da escritora Carolina Maria de Jesus, são valiosos os estudos dos historiadores José Carlos Sebe Bom Meihy e Robert M. Levine (1994), das psicólogas Eliana de Moura Castro e Marília Novaes da Mata Machado (2007), e também as contribuições de Germana Henriques Pereira de Sousa (2012) e Ana Cristina Chiara (2008), críticas literárias, são cruciais para este estudo.

O *corpus* destas análises se compõe de recortes jornalísticos on-line dos arquivos da hemeroteca do jornal O Globo¹, especificamente reportagens, notícias e outros textos de gênero jornalístico, sobre a escritora desde meados dos anos sessenta até meados dos anos noventa.

Nesta investigação, busco mobilizar a noção de posição-sujeito, a partir de estudos sobre as possíveis posições assumidas pela escritora Carolina Maria de Jesus no discurso midiático, de acordo com as condições de produção no momento e local de publicação. Para alcançar este objetivo, me dedico a observar a alternância do olhar do jornal impresso O Globo sobre este sujeito a partir da formação ideológica, em textos jornalísticos publicados nas décadas de 1960, 1970 e 1990, na cidade do Rio de Janeiro. Atualmente, os textos aqui analisados estão disponíveis para acesso livre na internet e podem ser encontrados em formato digital.

Entendo que essas posições-sujeito, com o passar do tempo, circulam e constroem uma memória coletiva por meio dos discursos midiáticos que as veiculam na sociedade brasileira, os quais foram responsáveis por inscrever a escritora Carolina Maria de Jesus em posições-sujeito diversas nas últimas décadas.

¹ A hemeroteca foi disponibilizada on-line pelo portal biobibliográfico Vida por Escrito e compõe o projeto Vida por Escrito - Organização, classificação e preparação do inventário da obra de Carolina Maria de Jesus, agraciado pelo Edital Prêmio Funarte de Arte Negra, na categoria Memória, em 2013. O projeto Vida por escrito surgiu de uma iniciativa governamental da Funarte (Fundação Nacional da Arte) em parceria com o Ministério da Cultura e com a Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. Link para acesso on-line: www.vidaporescrito.com.

Para compor o arquivo desta pesquisa, com o objetivo de definir seu *corpus*, em um primeiro momento, selecionei oito textos jornalísticos do jornal O Globo (1960-2014) que se referem à Carolina Maria de Jesus. Esses textos encontram-se disponíveis, na hemeroteca do jornal O Globo do website Vida por Escrito. Após selecionar os textos de materialidade jornalística, recortei onze enunciados e duas fotografias para construir as sequências discursivas em análise neste estudo.

Em um segundo momento, analisei tais recortes, publicados nos anos de 1960, 1961, 1977 e 1996, com o aporte teórico-metodológico da Análise do Discurso pecheutiana, a fim de identificar a variação das diversas posições-sujeito da escritora Carolina Maria de Jesus no discurso midiático em dois momentos: antes e depois de sua morte.

Analisei as diferentes posições-sujeito atribuídas à Carolina Maria de Jesus a partir da materialidade dos arquivos que compõe a hemeroteca do jornal O Globo desde a década de 1960 até meados de 1990. Assim, alguns arquivos do site Vida por Escrito, o qual é repleto de informações diversas sobre o sujeito Carolina Maria de Jesus, compõem o *corpus* destas análises, sendo o mesmo vinculado à noção de arquivo, uma vez que reflete a heterogeneidade e a representatividade do acontecimento discursivo (PÊCHEUX, 1990).

A instigante escritora brasileira Carolina Maria de Jesus, nascida em Sacramento, Minas Gerais, numa comunidade rural, morou na favela do Canindé, em São Paulo, próximo ao rio Tietê. Trabalhou como catadora durante grande parte de sua vida e registrava o cotidiano da comunidade em que vivia, em cadernos que encontrava no lixo. Ela tinha três filhos e vivia com eles na favela. Mais do que um nome feminino solitário da literatura marginal, a escritora negra, mãe, pobre, favelada e catadora de lixo, é sem dúvidas um curioso caso de escrita, já que fazer parte do cenário literário brasileiro nunca foi fácil, como expõem Meihy e Levine (1994, p. 63):

Ser negra num mundo dominado por brancos, ser mulher num espaço regido por homens, não conseguir fixar-se como pessoa de posses num território em que administrar o dinheiro é mais difícil do que ganhá-lo, publicar livros num ambiente intelectual de modelo refinado, tudo isto reunido fez da experiência de Carolina um turbilhão.

A escritora tornou-se conhecida primeiramente pela publicação do livro *Quarto de Despejo*: diário de uma favelada (1960), fruto de um diário da autora que fora descoberto pelo jornalista Audálio Dantas. Carolina Maria de Jesus também publicou seu

segundo livro, *Casa de Alvenaria* (1961)², além de poemas e obras póstumas, com grandes traços de autobiografia, apesar de não desejar ser teleguiada³, foi de alguma maneira manipulada pela mídia que a lançou no mercado editorial.

De acordo com Sousa (2012), a autora obteve um grande reconhecimento literário internacional, maior até que nacional. Sua primeira obra publicada foi traduzida para cerca de quatorze idiomas, por isso, sua infiltração na área das Letras foi inusitada, tendo em vista que ela fora uma mulher semialfabetizada e sem influência social para ser escritora no Brasil.

Além disso, devido à política, Carolina Maria de Jesus foi devolvida pela mesma mídia que a ascendeu, ou seja, teve uma relação conflituosa com os meios de comunicação. Afinal, depois de ter ganhado dinheiro suficiente com a vendagem de seu primeiro livro e ter saído da favela do Canindé, na cidade de São Paulo, ela acabou sentindo dor e revolta com o descaso que sofreu ao publicar seu segundo livro, *Casa de Alvenaria* (1961), pois este não atingiu o sucesso da mesma forma que o primeiro.

A temática de sua obra trata basicamente da luta diária travada contra a miséria, a fome, as péssimas condições de vida a que ela e seus filhos estavam submetidos, o excesso de trabalho, o lixo, o cenário, sendo ele a favela do Canindé, uma das primeiras favelas do Brasil e de como essas coisas a atingiram como ser humano e como uma mulher negra com pouca escolaridade e admiradora da literatura. Conforme Castro e Machado (2007, p. 77)

Carolina não corresponde aos estereótipos e sempre surpreende. Negra, espera-se que seja humilde, mas não é. Mulher, espera-se que seja submissa, mas não é. Semi-analfabeta, espera-se que seja ignorante, mas não é. E não sendo o que se espera dela, é rejeitada como pessoa pela sociedade e incompreendida como escritora.

A autora Carolina Maria de Jesus aspirou, com a literatura, adquirir a voz que lhe foi calada por fazer parte de grupos sociais minoritários (mulheres, pessoas faveladas, pobres, catadoras, negras...), que até então não tinham nenhuma relação com a literatura. O fato de uma mulher negra, catadora, habitante da favela e semialfabetizada tornar-se

² Esta obra trata da transição na vida de Carolina Maria de Jesus, quem passou a viver não mais em um quarto de despejo, mas em uma casa de alvenaria, como supõe o título.

³ A expressão era constantemente utilizada pela escritora: “Quêixei aos jornalistas que não nasci, para ser teleguiada (JESUS, 1996, p. 148)”, demonstrando sua resistência ao lidar com as influências da mídia da época sobre sua própria literatura.

escritora ao publicar livros, ocasionou a não aceitação dos intelectuais da época em relação ao reconhecimento de sua literatura (SOUSA, 2012).

Dessa maneira, o discurso da escritora ressignifica-se na medida em que a mídia lhe atribui significados diversos, pois novos e outros sentidos são produzidos em condições de produção diferentes. Por isso, se as manchetes dos jornais são diferentes, os propósitos de cada um deles produzem efeitos diferentes direcionados para um tipo de leitor específico (CHARAUDEAU, 2006).

As diversas posições-sujeito se estabelecem de maneira descentralizada, em concordância com a formação discursiva em que o sujeito se inscreve, produzindo certos efeitos de sentido naquelas condições de produção (PÊCHEUX, 1990). Com isso, com o propósito de refletir sobre como o sujeito Carolina Maria de Jesus se inscreve em diversas posições-sujeito na mídia impressa da época, em razão do período histórico em questão, assim como de sua ideologia e de sua formação discursiva durante sua carreira de escritora. Portanto, analiso alguns desdobramentos do discurso midiático impresso.

As posições-sujeito de Carolina Maria de Jesus: uma análise discursiva midiática

Considerando que a obra de Carolina Maria de Jesus constitui uma memória coletiva sobre a favela e que o sujeito discursivo ocupa determinado lugar na sociedade, ocorre um acontecimento discursivo quando a mulher negra, catadora e favelada se torna escritora e publica o livro intitulado *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* (1960).

A publicação causou estranheza e ruptura de sentidos na memória da sociedade sobre os sentidos de ser favelada, negra, brasileira e catadora de lixo. Como uma mulher inscrita em tais posições-sujeito poderia publicar um livro? Ao tornar-se autora publicando seu primeiro livro, Carolina Maria de Jesus inscreveu-se em uma nova posição-sujeito: a de sujeito-escritora.

A memória discursiva, em conformidade com Pêcheux,

[...] seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os “implícitos” (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível (PÊCHEUX, 1999, p. 52, grifo do autor).

Na sociedade brasileira, existe uma memória discursiva sobre a favela, sobre o que é ser escritora, sobre o que é ser uma mulher negra, sobre o que é ser catadora de lixo,

etc. Essas memórias produzem efeitos de sentido que ressoam em nossas relações sociais. Há momentos em que ocorre uma ruptura de sentidos através da polissemia, daquela memória que compartilhamos na sociedade em que vivemos. Nestes momentos, os sentidos se deslocam e os gestos de interpretação mudam em determinado momento histórico (ORLANDI, 2009).

É importante considerar que as sociedades colonizadas, como é o caso do Brasil, sofrem as consequências da escravidão até a contemporaneidade, posto que as marcas da desigualdade e da discriminação racial seguem impactando a vida de mulheres negras em nossa sociedade. Nesse sentido, cito Carneiro (2003, p. 49):

O que poderia ser considerado como história ou reminiscências do período colonial permanece, entretanto, vivo no imaginário social e adquire novos contornos e funções em uma ordem social supostamente democrática, que mantém intactas as relações de gênero segundo a cor ou a raça instituídas no período da escravidão. As mulheres negras tiveram uma experiência histórica diferenciada que o discurso clássico sobre a opressão da mulher não tem reconhecido, assim como não tem dado conta da diferença qualitativa que o efeito da opressão sofrida teve e ainda tem na identidade feminina das mulheres negras.

A mídia é seletiva sobre o conteúdo que (re)produz, em um processo discursivo permanente de formulação e circulação de sentidos (MEDEIROS, 2013). Ainda assim, é relevante esclarecer que, tanto o sujeito-escritora Carolina Maria de Jesus, quanto o sujeito-jornalista autor de textos sobre a escritora, se inscrevem em posições-sujeito diversas, visto que a posição-sujeito se configura como um objeto imaginário que ocupa seu espaço no processo discursivo.

Ainda, as posições-sujeito que constituem o sujeito dependem da formação discursiva que causa determinado efeito de sentido (PÊCHEUX, 1988). Sendo assim, o sujeito não é um indivíduo, mas comporta distintas posições-sujeito, variantes segundo as formações discursivas e ideológicas em que o sujeito se inscreve, ou seja, faz parte do descentramento do sujeito falar-se em posições-sujeito.

Dito isso, o sujeito Carolina Maria de Jesus dá lugar a várias Carolinas de facetas diversas, as que ela autodenominou e as que outros denominaram, inclusive em textos jornalísticos. No seguinte trecho, a escritora Carolina Maria de Jesus discorre sobre si mesma e percebe a movência de suas posições-sujeito em sua primeira obra:

[...] Faz dois anos que deixei de ser lixeira para ser escritora. Eu me considero exótica. Tem pessoas que saem das Universidades pra ser escritora. E eu sai da favela. Sai do lixo. Sai do quarto de despejo. E o meu nome corre o mundo com as traduções do meu livro. Fui favorecida por uma classe de brancos nobres e bons. E fui prejudicada por uma

classe de brancos incultos, medíocres e oportunistas. Que pensaram que Carolina Maria de Jesus, é uma idiota (JESUS, 1996, p. 201).

Dado que, segundo Orlandi (2005, p. 99): “o sujeito, na análise de discurso, é uma posição entre outras, subjetivando-se na medida mesmo em que se projeta de sua situação (lugar) no mundo para sua posição no discurso”. Desse modo, entendo que a formação discursiva de Carolina Maria de Jesus é construída por diferentes sujeitos: sujeito-mãe, sujeito-marginal, sujeito-solteira, sujeito-poeta, sujeito-escritora, sujeito-cantora de samba, sujeito-negra, sujeito-catadora de lixo, sujeito-favelada, sujeito-mulher, entre outros, com base em estudos biográficos sobre esta autora brasileira.

Para Charaudeau (2006), enunciados midiáticos aparentemente simples, para serem interpretados, precisam de numerosos entrecruzamentos entre os discursos de representações que se produzem em determinada sociedade. Nesse sentido, depois da publicação de seu segundo livro, quando a escritora se muda para uma vida calma no campo, acaba caindo no esquecimento midiático e literário, possivelmente, porque sua obra já não narrava fatos cotidianos da favela como anteriormente. Em oposição, tratava de sua vida após sua explosão no mercado editorial, entre outros temas que não a favela.

No que concerne ao discurso de informação, segundo Charaudeau (2006), pode-se dizer que o mesmo é organizado baseado nos critérios de atualidade (aquilo que está ocorrendo no momento), de expectativa (aquilo que se espera através do interesse) e de socialidade (aquilo que está ocorrendo no espaço público), a fim de comentar, relatar e provocar o leitor. Ao tornar-se escritora popular, os discursos midiáticos sobre Carolina Maria de Jesus já não estavam circulando intensamente, poucos textos jornalísticos foram publicados sobre ela entre seu aparecimento da mídia e a sua morte, pois não houve atualidade, expectativa e socialidade nos veículos de informação.

Assim, acredito que houve uma estabilização dos sentidos sobre a autora na mídia, em razão de que ela já não estava tão presente em textos midiáticos depois que a sociedade a conheceu e a estranheza acerca de sua formação discursiva foi amenizada, assim como restringida à escritora-favelada, não apenas à escritora autora de diversos gêneros sem relação temática especial com a favela.

A ideia de que Carolina Maria de Jesus é resumida a uma favelada provém da paráfrase, repetição que se constitui no discurso, isto é, de acordo com Orlandi (2009), por meio da memória. Uma mulher negra jamais seria uma escritora famosa na década de sessenta no Brasil, pois isso estaria alheio ao seu contexto de vida, considerando que ela

pouco teve acesso à educação. Sobre a imagem de pessoas negras na mídia, em consonância com Borges (2012, p. 198)

Os estereótipos em torno do negro e da mulher negra não seguem uma trajetória linear (do negativo para o positivo, como algumas análises insistem em sublinhar), mas, se movimentam sobre uma estrutura cíclica, em que os discursos fundadores do Outro ainda são o grande manancial para tipificação dos personagens negros e dos assuntos relacionados à África e ao Brasil negro.

Nesse viés, a identidade e a representatividade de escritoras negras na mídia, por exemplo, se relacionam com a memória e ao imaginário social que a mídia constituiu como os papéis sociais destinados às pessoas negras e às pessoas brancas, diferentemente. Na época em que Carolina viveu e na atualidade brasileira, o estereótipo social determina que é mais provável que uma mulher negra seja favelada e catadora e não escritora, já que ser escritora era possível apenas para algumas mulheres brancas.

Sabendo que o discurso constitui suas significações a partir de condições sócio históricas de produção (PEUCHÊUX, 1990), foram analisados trechos de reportagens, notícias e outros textos jornalísticos da hemeroteca do Jornal O Globo, publicado na cidade do Rio de Janeiro, especialmente os dos anos 1960, 1961, 1977 e 1996.

Assim sendo, recortei os trechos jornalísticos⁴ que seguem para estas análises, com o objetivo de formar as sequências discursivas a respeito dos discursos midiáticos que se referem à Carolina Maria de Jesus, evidenciando diferentes posições-sujeito sobre a autora em dois momentos distintos: antes de sua morte (quadro 1) e depois de sua morte (quadro 2 e figuras 1/2). É importante ressaltar que esse discurso foi veiculado pelo jornal O Globo, assim como os discursos que seguem.

Quadro 1 – Discursos jornalísticos antes da morte de Carolina Maria de Jesus

SD1 ⁵	SD2 ⁶	SD3 ⁷
------------------	------------------	------------------

⁴ Os textos jornalísticos completos estão disponíveis on-line na hemeroteca do Jornal O Globo, que pode ser acessada pelo site: www.vidaporescrito.com/hemeroteca-c1lh. Acesso em: 23 mar. 2019.

⁵ O GLOBO. Carolina fez sucesso na feira da Cinelândia. **O Globo**, Rio de Janeiro, 10 nov. 1960. Disponível em: https://docs.wixstatic.com/ugd/92f547_472de1425ba94480ac69131d60427e0f.pdf. Acesso em: 14 abr. 2019.

⁶ O GLOBO. Na boca do (G)Lobo. **O Globo**, Rio de Janeiro, 08 ago. 1960. Disponível em: https://docs.wixstatic.com/ugd/92f547_7fb888293cb7495491dac4d009401573.pdf. Acesso em: 14 abr. 2019.

⁷ O GLOBO. Carolina diz ter sido sabotada no festival da UBE. **O Globo**, Rio de Janeiro, 17 jul. 1960. Disponível em: https://docs.wixstatic.com/ugd/92f547_bc9378a5d51540c5a88529893079f5e8.pdf. Acesso em: 14 abr. 2019.

<p>“Autora de Quarto de Despejo”;</p> <p>“Nega Carolina das favelas de São Paulo”;</p> <p>“Escritora famosa”;</p> <p>“Ex-favelada” (O GLOBO, 1960).</p>	<p>“Carolina Maria de Jesus – O mais rendoso analfabest’seller do Brasil” (O GLOBO, 1961).</p>	<p>“Carolina diz ter sido sabotada no festival da UBE”;</p> <p>“Carolina Maria de Jesus, a autora de Quarto de Despejo, [...] dizendo-se sabotada por Jorge Amado [...]” (O GLOBO, 1961).</p>
---	--	---

Fonte: a autora.

A partir das sequências discursivas apresentadas no quadro 1 acima, especialmente da SD1, entendo que Carolina Maria de Jesus é inscrita nas posições-sujeito de: sujeito-negra, sujeito-favelada, sujeito-famosa e sujeito-ex-favelada.

A SD2 apresenta o texto publicado na seção humorística do Jornal *O Globo*, intitulada *Na boca do (G)Lobo*. Na SD2, o discurso se refere à obra *Quarto de Despejo*: diário de uma favelada (1960), que é vista pela mídia como sendo o *analfabest-seller* mais rendoso do mundo, pelo sucesso internacional de vendas e, principalmente, por não haver sido escrito na norma padrão da língua portuguesa. Entendo que tal discurso inscreve a autora na posição-sujeito de sujeito-semialfabetizada.

Na SD3, a manchete jornalística deste recorte precede o texto completo, no qual a mídia apresenta o fato de que Carolina Maria de Jesus declarou ter sido sabotada no festival UBE (União Brasileira de Escritores) por ter sido impedida, pelo escritor baiano Jorge Amado, de vender mais de cinquenta volumes de sua obra. Em tal texto, a escritora afirmou, igualmente, que faltou dinheiro até mesmo para sua hospedagem em tal evento, enquanto que Jorge Amado vendeu três mil volumes.

Para Chiara (2008, não paginado): “Carolina tem fome de literatura, quer ser escritora, mas não do que você chama de literatura menor”. Sendo assim, entendo que apesar de ser mencionada como autora na SD1, Carolina Maria de Jesus é considerada, na SD3, uma autora de menor importância na sociedade literária quando comparada ao autor Jorge Amado, escritor brasileiro inscrito nas posições-sujeito de sujeito-autor-consagrado e sujeito-homem-branco, por exemplo.

Por isso, os sentidos produzidos na no quadro 1 evidenciam que ela não teve os mesmos direitos para exercer sua profissão de escritora, visto que ela não escrevia na norma culta da língua portuguesa, além de outras desigualdades de classe, raça e gênero

em relação aos escritores brasileiros da época, inscrevendo-a em posições-sujeito de inferioridade.

Sobre a escritora Carolina Maria de Jesus, Chiara (2008, não paginado) afirma: “Ela tem de catar a sobrevivência no lixo. O caso é fazer literatura deste regime concreto, nada simbólico — de privação”. Nesse sentido, enfatizo a importância de relacionar a realidade da autora, que vivia na Favela do Canindé, com a sua literatura altamente autobiográfica, utilizando cadernos que encontrava no lixo para escrever e transformar sua história de vida em arte.

Figura 1 – R1: Nota jornalística sobre a morte de Carolina Maria de Jesus⁸

*Morre Carolina, a
escritora da favela*



Fonte: O Globo, 1977.

Acima, a nota de falecimento da morte de Carolina Maria de Jesus, que foi publicada no dia 14 de fevereiro de 1977, conforme a figura 1. No recorte 1, o discurso sobre a posição-sujeito de Carolina Maria de Jesus é de sujeito-escritora e sujeito-escritora-favelada.

Quadro 2 – Discursos jornalísticos após a morte de Carolina Maria de Jesus

⁸ O GLOBO. Morre Carolina, a escritora da favela. **O Globo**, Rio de Janeiro, 15 fev. 1977. Disponível em: https://docs.wixstatic.com/ugd/92f547_41b056778a2f4590aac324d2187c7354.pdf. Acesso em: 14 abr. 2019.

SD4 ⁹	SD5 ¹⁰	SD6 ¹¹
“Escritora da favela”; “Ex-favelada” (O GLOBO, 1977).	“Autora de Quarto de Despejo” (O GLOBO, 1977).	“Escritora Carolina Maria de Jesus” (O GLOBO, 1977).

Fonte: a autora.

Na SD4, incluída no quadro 2 acima, a mídia inscreveu Carolina Maria de Jesus nas posições-sujeito de sujeito-autora, sujeito-escritora e sujeito-ex-favelada. O texto original é uma nota de falecimento da escritora, publicada em fevereiro de 1977, no jornal O Globo.

Na SD5 e SD6, incluída do quadro 2, a mídia inscreveu-a na posição-sujeito de sujeito-escritora e sujeito-autora. A partir das sequências discursivas do quadro 1, entendo que o estranhamento causado pelo fato de que uma mulher negra e favelada seja escritora é expressado quando a escritora emerge no cenário literário brasileiro da década de 1960. Dessa forma, diversas posições-sujeito marginalizadas socialmente inscrevem a autora no discurso, entre elas: sujeito-negra, sujeito-favelada, sujeito-ex-favelada, sujeito-semialfabetizada.

Figura 2 – R2: Manchete publicada após a morte de Carolina Maria de Jesus¹²

A inquietação filosófica e social nos poemas de Carolina Maria de Jesus

Coletânea evidencia o potencial de uma escritora popular, engajada e sensível

Fonte: O Globo, 1996.

⁹ O GLOBO. . O **Globo**, Rio de Janeiro, 17 fev. 1977. Disponível em: https://docs.wixstatic.com/ugd/92f547_bc9378a5d51540c5a88529893079f5e8.pdf. Acesso em: 14 abr. 2019.

¹⁰ O GLOBO. Carolina Maria de Jesus morre em São Paulo aos 42 anos. **O Globo**, Rio de Janeiro, 14 fev. 1977. Disponível em: https://docs.wixstatic.com/ugd/92f547_41b056778a2f4590aac324d2187c4380.pdf. Acesso em: 14 abr. 2019.

¹¹ O GLOBO. Missa por Carolina teve só 10 pessoas. **O Globo**, Rio de Janeiro, 19 fev. 1977. Disponível em: https://docs.wixstatic.com/ugd/92f547_d276a7e082794f708daef619f810e78a.pdf. Acesso em: 14 abr. 2019.

¹² O GLOBO. A inquietação filosófica e social nos poemas de Carolina Maria de Jesus. **O Globo**, Rio de Janeiro, 28 set. 1977. Disponível em: https://docs.wixstatic.com/ugd/92f547_7551d063cb8246cb8efae8a7afa3532a.pdf. Acesso em: 14 abr. 2019.

Na figura 2 acima, com base no recorte 2, compreendo que passados quase 20 anos da morte de Carolina Maria de Jesus, a mídia inscreveu-a nas posições-sujeito de: sujeito-autora, sujeito-antiga-favelada, sujeito-poeta, sujeito-escritora-popular, sujeito-escritora-engajada e sujeito-escritora-sensível. Tais discursos expressam um prestígio público à uma importante mulher na literatura brasileira, autora que alcançou notável sucesso por meio de sua produção literária.

Por isso, muitos sentidos de espanto e depreciação desapareceram e cederam lugar às homenagens que a mídia publicou, opondo a vida de sucesso surpreendente da escritora novata e ex-favelada que não escrevia conforme as normas linguísticas e a vida no campo de uma escritora já consagrada no cenário nacional brasileiro. Entretanto, marcas da desigualdade são recorrentes na maioria das sequências discursivas e recortes desta pesquisa, assim como estão presentes em discursos que circulam em todas as esferas de nossa sociedade.

Considerações finais

Finalmente, ressalto que esta pesquisa buscou refletir acerca da constituição das várias posições-sujeito de Carolina Maria de Jesus em discursos midiáticos veiculados pelo jornal O Globo, tendo em vista que a mídia reproduz discursos destituídos de neutralidade ao publicar textos jornalísticos. Por fim, compreendo que a autora continuou sendo inscrita na posição-sujeito denominada sujeito-escritora-favelada na mídia, antes e depois de sua morte, em conformidade com a memória do dizer que a inscreveu nesta formação discursiva principal, de escritora da favela, devido aos traços autobiográficos de sua obra.

Em conclusão, ao discutir os resultados destas análises sobre o discurso midiático, a mobilização da noção de esquecimento formulada por Michel Pêcheux contribuiu significativamente para pensar as relações dos sujeitos com a sociedade, considerando que os discursos das mídias são produzidos por sujeitos. Neste viés, segundo Pêcheux (1997, p. 170), “os processos discursivos não se realizam pelos sujeitos, entretanto se realizam no interior dos mesmos.” Sendo assim, no interior discursivo dos discursos midiáticos aqui analisados, reflete-se a memória do dizer, entendida como exterioridade, de uma formação ideológica em relação à uma formação discursiva.

Além disso, para Pêcheux (1997, p. 176), existem dois tipos de esquecimento, o nº 1 e o nº 2. O esquecimento nº 1 se refere ao subjetivo da língua, produzindo um apagamento necessário no inconsciente do sujeito, que tem a ilusão de ser a origem de seu dizer. Por outro lado, o esquecimento nº 2 está relacionado ao consciente do sujeito ao selecionar os enunciados que compõem seu discurso, visto que este esquecimento, é a fonte de impressão para o sujeito acreditar ser a origem do seu dizer. Ou seja, aquilo já foi dito em algum momento, pois as palavras precisam preexistir para que possam produzir sentidos.

Portanto, considero que as posições-sujeito da escritora Carolina Maria de Jesus foram, com o passar do tempo, construindo uma memória social coletiva, sabendo que a inscrição do sujeito é perpassada por mecanismos de personalização, que o individualizam e o inscrevem em diferentes posições-sujeito na sociedade. Os esquecimentos dos sujeitos possibilitam que a mídia produza discursos que parecem neutros e originais, mas são discursos fundados a partir da memória social do dizer. Esses discursos podem ser discriminatórios ou inclusivos, de acordo com a formação ideológica e discursiva do meio de comunicação que os veicula.

No caso desta pesquisa, ao analisar as sequências discursivas nos quadros e os recortes nas figuras, sobressaiu-se a posição-sujeito de sujeito-escritora-favelada na mídia, antes e após a sua morte. Contudo, depois da morte da escritora, houve maior ênfase de sua posição-sujeito no aspecto literário, além da posição-sujeito com ênfase no aspecto da favela. Após o falecimento da escritora, as posições sujeito-escritora, sujeito-autora, sujeito-poeta e sujeito-ex-favelada prevaleceram no discurso midiático, além de outras posições-sujeito menos discriminatórias.

Em conclusão, entendo que a movência das posições-sujeito da escritora Carolina Maria de Jesus, que ocorreram no veículo midiático aqui analisados, apresentam ressonâncias de discursos que podem marginalizar ou integrar socialmente os sujeitos de acordo com a formação ideológica do veículo de comunicação, em que se define aquilo que pode e deve ser dito em determinada conjuntura e a partir de certa posição discursiva.

Referências

BORGES, R. S. Mídia, racismos e representações do outro: ligeiras reflexões em torno da imagem da mulher negras. In: R. C. Borges; R. S. Borges (orgs.). **Mídia e Racismo**. Petrópolis: DP et Alii; Brasília: ABPN, 2012, p. 178-203.

- CARNEIRO, S. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. **Racismos contemporâneos**, Rio de Janeiro, v. 49, p. 49-58, 2003.
- CASTRO, E. M.; MACHADO, M. N. M. **Muito bem, Carolina!**: biografia de Carolina Maria de Jesus. Belo Horizonte: C/ Arte, 2007. 136 p.
- CHARADEAU, P. **Discurso das mídias**. Tradução de Ângela M. S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2006. 285 p. Título original: Les medias et l'information: l'impossible transparence du discours.
- CHIARA, A. C. Quem trabalha como eu tem de feder. **Plástico bolha**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 19, não paginado, mar. 2008. Disponível em: <http://www.jornalplasticobolha.com.br/pb19/texto14.htm>. Acesso em: 20 ago. 2019.
- JESUS, C. M. **Casa de alvenaria**. São Paulo: Francisco Alves, 1961. 182 p.
- _____. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. Francisco Alves, 1960. 173 p.
- MEDEIROS, C. **Sociedade da imagem**: a (re) produção de sentidos da mídia do espetáculo. Santa Maria: PPGL/UFSM, 2013. p. 189.
- MEIHY, J. C. S. B.; LEVINE, R. M. **Cinderela Negra**: a saga de Carolina Maria de Jesus. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994. 280 p.
- O GLOBO. Jornal O Globo (1960-2014) | Vida por escrito – Carolina Maria de Jesus. Disponível em <https://www.vidaporescrito.com/hemeroteca-c1lh>. Acesso em 14 abr. 2019.
- ORLANDI, E. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2009. 100 p.
- _____. Do sujeito na história e no simbólico. In: **Discurso e texto**: Formulação e circulação dos sentidos. Campinas: Pontes, 2005, p. 99-108.
- PÊCHEUX, M. Delimitações, Inversões, Deslocamentos. Tradução de José Horta Nunes. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, n. 19, p. 7-24, jul. 1990. Título original: Délimitations, inversions, déplacements.
- _____. Papel da memória. In: ACHARD, P. et al. **Papel da memória**. Tradução de José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999, p. 49-56. Título original: Rôle de la mémoire.
- _____. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: UNICAMP, 1988. 317 p. Título original: Les vérités de la palice.
- _____.; Fuchs, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, T; HAK, T. **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: UNICAMP, 1997, p. 163-254.

SOUSA, G. H. P. **Carolina Maria de Jesus**: o estranho diário da escritora vira lata.
Vinhedo: Editora Horizonte, 2012. 208 p.

RECEBIDO EM: 27/05/2019 | APROVADO EM: 14/08/2019